



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

MONTAIGNE

Os ensaios

PENGUIN



COMPANHIA DAS LETRAS

OS ENSAIOS

MICHEL EYQUEM, SEIGNEUR DE MONTAIGNE, nasceu em 1533, filho e herdeiro de

Pierre, Seigneur de Montaigne (dois filhos anteriores morreram após o nascimento). Foi educado falando latim como o primeira língua, e sempre conservou uma disposição de espírito latina; embora conhecesse o grego, preferia usar traduções. Depois de estudar direito, finalmente tornou-se conselheiro do Parlamento de Bordeaux. Casou-se em 1565. Em 1569, publicou a sua versão francesa de *Theologia naturalis*, de Raymond Sebond; o seu *Apologie* é apenas em parte uma defesa de Sebond, em que estabelece limites céticos para o raciocínio humano sobre Deus, o homem e a natureza. Em 1571, mudou-se para sua terras em Montaigne, dedicando-se à leitura, à reflexão e à composição de seus *Ensaios* (primeira versão, 1580). Montaigne tinha aversão ao fanatismo e às crueldades do período das guerras religiosas, mas apoiava a ortodoxia católica e a instituição monárquica. Duas vezes foi eleito prefeito de Bordeaux (1581 e 1583), cargo que ocupou por quatro anos. Morreu em Montaigne, em 1592, enquanto preparava a edição final, e a mais rica, de seus *Ensaios*.

ROSA FREIRE D'AGUIAR nasceu no Rio de Janeiro. Nos anos 1970 e 1980 foi

correspondente em Paris das revistas *Manchete* e *IstoÉ*. Retornou ao Brasil em 1986 e no ano seguinte traduziu seu primeiro livro, para a editora Paz e

Terra: *O conde de Gobineau no Brasil*, de Georges Raeders. Em mais de vinte anos de atividade, verteu mais de sessenta títulos nas áreas de literatura e ciências humanas. Além do francês, idioma do qual transpôs para o português, entre outros, Céline, Orsenna, Lévi-Strauss, Debret e Balzac, traduz do espanhol e do italiano, línguas que também aperfeiçoou durante os anos de jornalista na Europa. Sua língua de preferência, no entanto, é mesmo o idioma de Montaigne, autor que ela pretendia traduzir desde os anos 1990, não só pelo conteúdo humanista dos *Ensaio*s mas pelo desafio de traduzir um texto de quatro séculos de modo a conquistar o leitor de hoje. Acredita que o tradutor é um ser “obcecado” e “duvidante” e que uma boa tradução depende, também, da empatia entre tradutor e autor. Entre os prêmios que recebeu estão o da União Latina de Tradução Científica e Técnica (2001) por *O universo, os deuses, os homens* (Companhia das Letras), de Jean-Pierre Vernant, e o Jabuti (2009) pela tradução de *A elegância do ouriço* (Companhia das Letras), de Muriel Barbery.

MICHAEL ANDREW SCREECH nasceu em 1926. É membro honorário do Wolfson

College e professor emérito do All Souls College, de Oxford (*fellow* e capelão em 2001-3), membro da British Academy, da Royal Society of Literature, da University College, Londres, e membro correspondente do Institut de France. Trabalhou muito tempo no comitê do Warburg Institute como professor de língua e literatura francesa na University College, Londres, até sua eleição

para o All Souls, em 1984. É especialista em Renascimento, de renome internacional. Editou e traduziu os *Ensaio*s completos de Montaigne para a Penguin Classics e, num volume separado, o ensaio *Apologie de Raymond Sebond*. Seus outros livros incluem *Erasmus: ecstasy and the praise of folly* (Penguin, 1988), *Rabelais*, e *Montaigne and melancholy* (Penguin, 1991) e, mais recentemente, *Laughter at the foot of the cross* (Allen Lane, 1998); todos são reconhecidamente estudos clássicos. Trabalhou com Anne Screech em *Erasmus' annotations on the new testament*. Michael Screech é Cavaleiro da Ordem du Mérite (1982) e Cavaleiro da Légion d'Honneur (1992). Em Oxford, ordenou-se diácono em 1993 e padre em 1994.

ERICH SAMUEL AUERBACH nasceu em 1892 na Alemanha, em uma família burguesa de origem judia. Estudou direito em Heidelberg e, em 1914, ingressou no curso de filologia românica em Berlim. Em 1921, defendeu sua tese de doutorado sobre a técnica da novela no Renascimento francês e italiano.

Em 1923, começou a trabalhar na Biblioteca Estatal Prussiana, em Berlim, e seis anos depois tornou-se professor de filologia românica na Universidade de Marburg. É desse período um de seus estudos mais importantes, *Dante, poeta do mundo secular*. Em 1935, durante o regime nazista na Alemanha, foi demitido do cargo em Marburg. Exilado, passou a lecionar na Universidade de Istambul.

Foi na Turquia, durante a Segunda Guerra Mundial, que escreveu a coletânea de ensaios *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental* (1946), considerada uma das mais importantes obras de crítica literária do

século XX.

Ao final da Segunda Guerra, emigrou para a América. Nos Estados Unidos, foi professor da Universidade da Pensilvânia, pesquisador em Princeton e professor de teoria literária e literatura comparada na Universidade Yale.

Faleceu, em New Haven, Connecticut, em outubro de 1957.



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

MICHEL

DE MONTAIGNE

Os ensaios

Uma seleção

Organização de

M. A. SCREECH

Tradução e notas de

ROSA FREIRE D'AGUIAR

Que filosofar é aprender a morrer

Capítulo XIX²⁶

Este é um dos capítulos mais conhecidos da obra, e desenvolve uma das preocupações maiores de Montaigne, que é “morrer bem”. Trata-se de um mosaico de exemplos e argumentos que lembram o caráter inevitável e imprevisível da morte e justificam, assim, o fato de que ela seja

“premeditada”, isto é, meditada com antecedência. Montaigne parece chegar a um acordo com sua melancolia, agora, de certa forma, minimizada.

Continua preocupado com o medo da morte — medo do lancinante ato de morrer. O tratamento que dá ao tema é retórico mas não impessoal. Os pressupostos filosóficos deste capítulo são amplamente derrubados no final de *Os ensaios* (em Livro III, XIII, “Sobre a experiência”). Montaigne está no caminho de descobrir qualidades admiráveis nos homens e mulheres comuns. Os acréscimos da edição póstuma provam, pelo exemplo pessoal de Montaigne, o sucesso do exercício espiritual das meditações sobre a morte, que é sobretudo um aprendizado do “viver bem”.

Diz Cícero que filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte. É assim porque, de certo modo, o estudo e a contemplação tiram nossa alma de nós e a ocupam separada do corpo, o que constitui certo aprendizado da morte e tem semelhança com ela; ou então, é porque toda a sabedoria e a razão do mundo se concentram, afinal, nesse ponto de nos ensinar a não ter medo de morrer. Na verdade, ou a razão está escarnecendo de nós ou seu objetivo deve ser apenas o nosso contentamento, e todo o seu trabalho deve tender, em suma, a fazer-nos viver bem e a nosso gosto, como dizem as Sagradas Escrituras. Todas as opiniões do mundo chegam à conclusão de que o prazer é nosso objetivo, conquanto adotem meios diversos, do contrário as rejeitaríamos de início. Pois quem escutaria aquele que estabelecesse como objetivo nosso pesar e sofrimento? As dissensões das escolas filosóficas, nesse caso, são verbais. *Transcurramus solertissimas nugas.* ²⁷Passemos sobre essas bagatelas tão solertes.] Há aí mais teimosia e

pirraça do que convém a uma nobre profissão. Mas, seja qual for o personagem que o homem adote, ele sempre representa, de permeio, o seu. Digam o que disserem, na própria virtude o objetivo último que visamos é a volúpia. Agrada-me martelar os ouvidos das pessoas com essa palavra que as contraria tão fortemente: e se ela significa um deleite supremo e extremo contentamento, é um melhor acompanhante para a virtude do que qualquer outra coisa. Por ser mais viva, nervosa, robusta, viril, essa volúpia é mais seriamente voluptuosa. E devíamos lhe dar o nome de prazer, mais favorável, mais suave e natural, e não o de vigor, a partir do qual o denominamos. [28](#)

Aquela outra volúpia, mais baixa, se merecesse esse belo nome, não seria o resultado de um privilégio, mas de uma concorrência. Acho-a menos isenta de inconvenientes e dificuldades do que a virtude. Além de ter um gosto mais momentâneo, fluido e frágil, tem suas vigílias, seus jejuns e seus trabalhos, e o suor e o sangue. E ademais, especialmente, seus sofrimentos pungentes de tantas espécies, e ao mesmo tempo uma saciedade tão pesada que equivale à penitência. Cometemos grande erro ao pensar que seus obstáculos servem de incentivo e condimento à doçura desse prazer, assim como na natureza os contrários se vivificam por seus contrários; e ao dizer, quando falamos da virtude, que as mesmas consequências e dificuldades a oprimem, tornando-a austera e inacessível. Pois no caso da virtude, bem mais propriamente que na volúpia, elas enobrecem, aguçam e realçam o prazer divino e perfeito que ela nos propicia. Quem opõe o custo ao fruto da virtude, este é, decerto, bem indigno de sua companhia e não conhece suas graças nem seu bom uso. Esses que vão nos ensinando que sua busca é laboriosa e penosa, e que sua

fruição é agradável, o que nos dizem com isso a não ser que ela é sempre desagradável? Pois por qual meio humano já se chegou à sua fruição? Os mais perfeitos contentaram-se em aspirar a ela e dela se aproximar sem possuí-la. Mas enganam-se, visto que a própria busca de todos os prazeres que conhecemos é aprazível. A tarefa impregna-se da qualidade do objeto a que visa, pois isso é uma boa parcela dele e é da mesma natureza. A felicidade e a beatitude que reluzem na virtude preenchem todas as suas dependências e avenidas, da primeira entrada até sua última barreira. Ora, um dos principais benefícios da virtude é o desprezo pela morte, o que fornece à nossa vida a mansa tranquilidade, dá-nos seu gosto puro e benfazejo sem o qual todo outro prazer está extinto. Eis por que todas as regras se encontram e convêm a esse item. E embora todas também nos levem, de comum acordo, a desprezar a dor, a pobreza e outros infortúnios a que a vida humana está sujeita, não é uma preocupação do mesmo tipo, tanto porque esses infortúnios não são necessários (a maioria dos homens passa a vida sem experimentar a pobreza, e ainda outros sem sentimento de dor e de doença, como Xenófilo, o Músico, que viveu 106 anos em perfeita saúde) como também, no pior dos casos, a morte pode pôr fim e atalhar, quando nos aprouver, todos os outros infortúnios. Mas, quanto à morte, é inevitável.

Omnes eodem cogimur, omnium

Versatur urna, serius ocius

Sors exitura, et nos in aeter-

Num exitium impositura cymbae. [29](#)

Todos nós somos empurrados para um mesmo ponto, a urna de todos nós é agitada, cedo ou tarde dali sairá a sorte que nos fará subir na barca para nosso fim eterno.

E, por conseguinte, se ela nos amedronta, é um contínuo motivo de tormento que nada consegue aliviar. Não há lugar de onde ela não nos venha. Podemos virar incessantemente a cabeça para cá e para lá, como em terra suspeita:

quae quae saxum Tântalo Semper impendet. [30](#)ela é como o rochedo sempre suspenso sobre Tântalo.] Frequentemente nossos tribunais mandam executar

os criminosos no local onde o crime foi cometido: ao longo do caminho, passei-os por belas casas, dai-lhes tantos banquetes quanto vos aprouver,

Non Siculae dapes

Dulcem elaborabunt saporem,

Non avium, cytharaeque cantus

Somnum reducent. [31](#)

Os festins da Sicília não mais oferecerão seu doce sabor, o canto dos pássaros ou da cítara não mais lhe devolverão o sono.

Pensais que podem se regozijar com isso? E que a intenção final de sua viagem, estando constantemente diante de seus olhos, não lhes tenha alterado e tornado insípido o gosto por todos esses confortos?

Audit iter; numeratque dies, spatioque viarum

Metitur vitam, torquetur peste futura. [32](#)

Ele indaga o trajeto, conta os dias e mede sua vida pelo comprimento da estrada, está atormentado diante do mal que o espera.

A morte é o fim de nossa caminhada, é o objeto necessário de nossa mira; se

nos apavora, como é possível dar um passo à frente sem ser tomado pela ansiedade? O remédio do vulgo é não pensar nela. Mas de que estupidez brutal pode vir cegueira tão grosseira? É pôr a brida na cauda do burro, *Qui capite ipse suo instituit vestigia retro.* [33](#)

Ele, que decidiu andar com a cabeça virada para trás.

Não espanta que tão amiúde as pessoas caiam na armadilha. Amedrontamos nossa gente só em mencionar a morte, e a maioria se persigna, como diante do nome do diabo. E porque a ela é feita menção nos testamentos não espereis que aí ponham a mão antes que o médico tenha comunicado a sentença final. E, então, Deus sabe com que bom julgamento, entre a dor e o pavor, as pessoas hão de prepará-lo. Porque essas sílabas atingiam muito rudemente seus ouvidos, e porque essa palavra lhes parecia de mau agouro, os romanos aprenderam a suavizá-la ou diluí-la em perífrases. Em vez de dizer “ele morreu”, dizem “ele parou de viver”, ou “ele viveu”. Consolam-se, contanto que seja vida, ainda que passada. Daí tiramos nosso “finado fulano de tal”. Talvez seja, como se diz, que “pagar com atraso significa dinheiro na mão”. Nasci entre onze horas e meio-dia do último dia de fevereiro de 1533, como contamos agora, começando o ano em janeiro. [34](#) Justamente, faz apenas quinze dias que passei dos 39 anos. E faltam-me pelo menos outros tantos. E enquanto isso seria loucura pensar em coisa tão distante. Mas qual! Jovens e velhos abandonam a vida da mesma maneira. Dela ninguém sai de outro jeito senão como se tivesse entrado naquele instante, acrescentando-se a isso que não há homem tão decrépito que não pense ainda ter vinte anos no corpo enquanto enxergar Matusalém diante de si. E ademais, pobre louco que

és, quem te fixou os prazos de tua vida? Tu te baseias nas histórias dos médicos. Observa, antes, a realidade e a experiência. Pelo andar comum das coisas, vives há muito tempo por favor extraordinário. Ultrapassaste os prazos costumeiros de viver: e a prova é que, faz a conta entre teus conhecidos, quantos morreram antes de tua idade, mais numerosos que os que a alcançaram? E mesmo entre aqueles que enobreceram suas vidas pela fama, faz o registro e apostarei que encontrarás mais que morreram antes do que depois dos 35 anos. É plenamente razoável e piedoso tomar como exemplo a própria vida humana de Jesus Cristo. Ora, ele terminou sua vida aos 33 anos. O maior homem, simplesmente homem, Alexandre, também morreu nessa idade. Quantos modos de surpreender tem a morte?

Quid quisque vitet, nunquam homini satis

Cautum est in horas. [35](#)

Jamais o homem se protege o suficiente, de hora em hora, do perigo a evitar.

Deixo à parte as febres e as pleurisas. Quem jamais pensou que um duque de Bretanha devesse ser sufocado pela multidão, como foi aquele na entrada do papa Clemente, meu vizinho, em Lyon? [36](#) Não viste um de nossos reis morto em um jogo? E um de seus ancestrais não morreu derrubado por um porquinho?[37](#) De nada adiantou Ésquilo, ameaçado pela queda de uma casa, ficar em alerta, pois ei-lo abatido por uma carapaça de tartaruga, que escapou das patas de uma águia no ar; o outro morreu com um caroço de uva; um imperador, do arranhão de um pente ao pentear-se; Emílio Lépido, por ter batido o pé na soleira de sua porta; e Aufídio, por ter se chocado, ao

entrar, contra a porta da Câmara do Conselho. E entre as coxas das mulheres, Cornélio Galo, pretor; Tigelino, comandante da Guarda de Roma; Ludovico, filho de Guy de Gonzaga, marquês de Mântua. E, exemplo ainda pior, Espêusipo, filósofo platônico, e um de nossos papas. [38](#) O pobre Bêbio, juiz, enquanto dá prazo de oito dias a um dos litigantes, ei-lo agarrado e seu prazo de vida expirado. E com Caio Júlio, médico que passava unguento nos olhos de um paciente, eis que a morte fecha os seus. E se devo me intrometer, um irmão meu, o capitão Saint-Martin, que já dera excelentes provas de seu valor, ao jogar pela recebeu, na idade de 23 anos, uma bolada que o acertou um pouco acima da orelha direita, sem nenhuma aparência de contusão ou ferimento; nem se sentou nem repousou, mas cinco ou seis horas depois morreu de uma apoplexia causada por esse golpe. Com esses exemplos tão frequentes e tão triviais nos passando diante dos olhos, como é possível conseguirmos nos desfazer do pensamento da morte, e que a cada instante não nos pareça que ela nos agarra pela gola? “Que importa como ela é”, me direis, “contanto que não nos preocupemos com isso.” Sou dessa opinião, e, seja qual for a maneira de nos protegermos dos golpes, ainda que sob a pele de um bezerro, não sou homem de recuar, pois basta-me passar meus dias como me apraz, e adoto o melhor jogo que posso, por menos glorioso e pouco exemplar que vos pareça:

Praetulerim delirus inersque videri,

Dum mea delectent mala me, vel denique fallant,

Quam sapere et ringi. [39](#)

Eu preferiria passar por louco ou por insensato, contanto que meus males

me agradem ou ao menos que eu não os veja, a ser sensato e enraivecere-me.

Mas é loucura pensar em ser bem-sucedido dessa forma. Uns vão, outros vêm, trotam, dançam, e sobre a morte nenhuma palavra. Tudo isso é muito bonito, mas quando ela chega, para eles ou para suas mulheres, filhos e amigos, surpreendendo-os de improviso e sem defesa, que tormentos, que gritos, que fúria e que desespero os dominam? Já viste um dia alguém tão cabisbaixo, tão mudado, tão confuso? É preciso preparar-se para ela mais cedo. E mesmo se essa despreocupação digna dos animais pudesse se instalar na cabeça de um homem inteligente (o que acho totalmente impossível), ela nos venderia muito caras suas mercadorias. Se a morte fosse um inimigo que se pode evitar, eu aconselharia empregar as armas da covardia: mas já que não se pode, já que ela vos agarra, tanto ao fugitivo e ao poltrão como ao homem de honra,

Nempe et fugacem persequitur virum

Nec parcit imbellis juventae

Poplitibus, timidoque tergo; [40](#)

E, decerto, ela também persegue o fujão e não poupa os jarretes nem o dorso medroso de uma juventude sem valentia;
e que nenhuma couraça de aço temperado vos cobre,

Ille licet ferro cautus se condat in aere,

Mors tamen inclusum protrahet inde caput; [41](#)

Nada adianta a este proteger-se do ferro cobrindo-se de aço, pois a

morte, porém, descobrirá sua cabeça com capacete; aprendamos a arrostá-la de pé firme e a combatê-la. E para começar a tirá-lhe sua grande vantagem sobre nós, tomemos um caminho totalmente oposto ao comum. Tiremos-lhe a estranheza, frequentemo-la, acostumemo-nos com ela, não tenhamos nada de tão presente na cabeça como a morte: a todo instante a representemos em nossa imaginação e em todos os aspectos. No tropeção do cavalo, na queda de uma telha, na menor picada de alfinete, repisemos subitamente: pois bem, e se fosse a própria morte? E diante disso nos enrijeçamos e nos fortaleçamos. Entre as festas e a alegria, tenhamos sempre esse refrão da lembrança de nossa condição, e não nos deixemos arrastar tão fortemente pelo prazer que por vezes não nos volte à memória de quantos modos essa nossa alegria está na mira da morte, e por quantos golpes ela nos ameaça. Assim faziam os egípcios, que no meio de seus festins e entre seus melhores banquetes mandavam vir a anatomia seca⁴² de um homem para servir de advertência aos convivas.

Omnem crede diem tibi diluxisse supremum,

Grata superveniet, quae non sperabitur hora. ⁴³

Considera como teu último dia aquele que brilha para ti; a hora que não esperas mais virá para ti como uma graça.

É incerto onde a morte nos espera, aguardemo-la em toda parte. Meditar previamente sobre a morte é meditar previamente sobre a liberdade. Quem aprendeu a morrer desaprendeu a se subjugar. Não há nenhum mal na vida para aquele que bem compreendeu que a privação da vida não é um mal.

Saber morrer liberta-nos de toda sujeição e imposição. Ao mensageiro que o

miserável rei da Macedônia, seu prisioneiro, lhe enviou para pedir que não o levasse em seu triunfo,⁴⁴ Paulo Emilio respondeu: “Que ele faça o pedido a si mesmo”. Na verdade, em qualquer coisa, se a natureza não ajuda um pouco é difícil que a arte e o engenho avancem muito. Por mim mesmo, não sou melancólico mas sonhador: não há nada de que me haja ocupado desde sempre como dos pensamentos sobre a morte, e até na época mais licenciosa de minha vida,

Jucundum cum aetas florida ver ageret. ⁴⁵

Quando minha idade em flor vivia sua doce primavera.

Entre as damas e os jogos, julgavam-me ocupado em digerir comigo mesmo algum ciúme ou a incerteza de uma esperança, enquanto eu pensava em não sei quem que fora surpreendido dias antes por uma febre alta, e em seu fim ao sair de uma festa parecida, com a cabeça cheia de ócio, amor e bons momentos, como eu: e eu mesmo martelava em meus ouvidos:

*Jam fuerit, nec post unquam revocare licebit.*⁴⁶

O presente já terá passado e nunca mais poderemos chamá-lo de volta. Não franzia mais a fronte com esse pensamento do que com outro. É impossível não sentirmos desde o início as ferroadas dessas imaginações, mas manejando-as e repassando-as, pelo longo caminho, sem dúvida as domesticamos. Do contrário, de minha parte estaria em contínuo pavor e frenesi, pois nunca um homem desconfiou tanto de sua vida, nunca um homem se iludiu menos com sua duração. Nem a saúde, da qual gozei até o presente muito vigorosa e raramente interrompida, me prolonga sua esperança, nem as doenças a encurtam. A cada minuto parece-me que escapo de mim. E repito

sem cessar: tudo o que pode ser feito um outro dia pode ser feito hoje. Na verdade, os acasos e perigos nos aproximam pouco ou nada de nosso fim; e se pensarmos, afora esse infortúnio que mais parece nos ameaçar, em quantos milhões de outros permanecem sobre nossas cabeças, descobriremos que o fim está igualmente perto de nós quando estamos vigorosos ou febris, no mar e em nossas casas, na batalha e em repouso.

Nemo altero fragilior est: nemo in crastinum sui certior. [47](#) Nenhum é mais frágil que outro: nenhum tem o amanhã mais garantido.] Para acabar o que tenho a fazer antes de morrer, todo o tempo vago me parece curto, ainda que seja trabalho de uma hora. Outro dia, alguém folheava meus apontamentos e encontrou uma nota sobre alguma coisa que eu queria que fosse feita depois de minha morte: eu lhe disse, como era verdade, que, estando a apenas uma légua de casa, e saudável e vigoroso, me apressara em escrever aquilo ali por não ter certeza de chegar à minha casa. Como sou homem que continuamente está incubando seus pensamentos e guardando-os dentro de si, a qualquer momento estou preparado, tanto quanto possa estar, e nada de novo me anunciará a chegada inesperada da morte. Devemos estar sempre com as botas calçadas e prontos para partir, tanto quanto de nós dependa, e sobretudo nos precavermos para que então só tenhamos de tratar conosco mesmos.

Quid brevi fortes jaculamur aevo [Multa? 48](#)

Por que bravamente visar tantos objetivos quando a vida é tão curta? Pois teremos bastante trabalho sem outra sobrecarga. Um se queixa, mais que da morte, de que ela lhe interrompe o curso de uma bela vitória; outro,

que deve partir antes de ter casado a filha, ou controlado a educação dos filhos; um sente falta da companhia da mulher, outro, do filho, que eram os principais confortos de sua existência. Por ora estou em tal situação, graças a Deus, que posso me ir quando Lhe aprouver, sem me lamentar de coisa nenhuma. Desligo-me de tudo: minhas despedidas de cada um estão quase feitas, exceto de mim. Nunca um homem se preparou para deixar o mundo mais pura e plenamente, e desapegou-se mais completamente do que eu tento fazer. As mortes mais mortas são as mais saudáveis.

Miser o miser (aiunt) omnia ademit

Uma dies infesta mihi tot praemia vitae. [49](#)

Infeliz que sou, ó infeliz, dizem eles, um só dia funesto me tira todos os bens da vida.

E o construtor diz:

Manent opera interrupta, minaeque

Murorum ingentes. [50](#)

Restam trabalhos interrompidos e imensas muralhas que ameaçam.

Nada se deve prever de tão longo fôlego, ou pelo menos com a intenção de se empolgar pensando em ver seu fim. Nascemos para agir:

Cum moriar, medium soluar et inter opus. [51](#)

Quando eu morrer, que parta no meio de meu trabalho.

Quero que se aja, que se prolonguem as atividades da vida, tanto quanto possível; e que a morte me encontre plantando minhas couves, mas despreocupado com ela e ainda mais com minha horta inacabada. Vi morrer

um que, estando nas últimas, queixava-se incessantemente de que seu destino cortava o fio da história que ele tinha em mãos sobre o 15o ou 16o de nossos reis.

Illud in his rebus non addunt, nec tibi earum

Jam desiderium rerum super insidet una. [52](#)

Mas nesse ponto, eles não acrescentam isto: “E o pesar por esses bens não permanecerá junto com teus restos”.

É preciso se livrar dessas crenças vulgares e nocivas. Assim como o fincaram nossos cemitérios ao lado das igrejas e dos lugares mais frequentados da cidade, para acostumar, dizia Licurgo, o baixo povo, as mulheres e as crianças a não se assustarem ao ver um homem morto, e a fim de que esse espetáculo contínuo de ossuários, túmulos e funerais nos advirta sobre nossa condição,

Quin etiam exhilarare viris convivia caede

Mos olim, et miscere epulis spectacula dira

Certatum ferro, saepe et super ipsa cadentum

Pocula, respersis non parco sanguine mensis; [53](#)

E mais: outrora era costume alegrar os festins com uma morte e misturar os banquetes com os espetáculos cruéis de combatentes, que, frequentemente atingidos pelo gládio, tombavam sobre as próprias taças, espalhando copiosamente seu sangue sobre as mesas; e assim como os egípcios, depois de seus festins, apresentavam aos convivas uma grande imagem da morte, segura por alguém que lhes gritava: “Bebe e

alegra-te, pois morto serás como este”, assim peguei o costume de ter a morte não apenas na imaginação mas continuamente na boca. E não há nada de que me informe com tanto gosto como da morte dos homens: que palavra, que rosto, que atitude tiveram; nem trecho de histórias que observe com tanta atenção. Pela quantidade de meus exemplos, parece que tenho afeição particular por essa matéria. Fosse eu um fazedor de livros e faria um registro comentando as mortes diversas. Quem ensinasse os homens a morrer os ensinaria a viver. Dicáiarcos⁵⁴ fez um com título parecido, mas com outro e menos útil alcance. Não de me dizer que a realidade da morte ultrapassa de tão longe o pensamento que não há esgrima, por mais bela, que não se perca quando lá se chega: deixai-os falar; a meditação prévia proporciona, sem dúvida, grande vantagem. E depois, já não significa bastante chegar lá sem vacilação e sem inquietação? Há mais: a própria natureza nos estende a mão e nos dá coragem. Se é uma morte curta e violenta, não temos tempo de temê-la; se é outra, percebo que à medida que me afundo na doença caio naturalmente em certo desdém pela vida. Creio que tenho bem mais dificuldade em digerir essa aceitação de morrer quando estou com saúde do que quando estou com febre, mais ainda porque já não me apego tanto às comodidades da vida, e desde que começo a perder seu uso e seu prazer tenho da morte uma visão de muito menos horror. Isso me faz esperar que, quanto mais me afastar daquela e me aproximar desta, mais facilmente estarei de acordo para trocar uma pela outra. Assim como experimentei em várias outras ocasiões o que diz César, que as coisas costumam nos parecer maiores de longe que de perto, verifiquei que, saudável, tinha muito mais

horror às doenças do que quando as senti. A alegria em que estou, o prazer e a força me fazem achar o outro estado tão desproporcional a este que, pela imaginação, aumento em metade aqueles dissabores e considero-os mais pesados do que quando os carregou nas costas. Espero que o mesmo há de me ocorrer com a morte. Observamos, por essas mudanças e declínios habituais que sofremos, como a natureza nos dissimula a visão de nossa perda e decadência. O que resta a um velho do vigor de sua juventude, de sua vida passada?

Heu senibus vitae portio quanta manet! [55](#)

Ai, que parcela de vida resta aos velhos!

A um soldado de sua guarda, exausto e alquebrado, que veio pela rua pedir-lhe permissão para se matar, César respondeu gracejando ao notar sua aparência decrepita: “Pensas então que estás vivo?”. [56](#) Se caíssemos de repente nesse estado, não creio que seríamos capazes de suportar tal mudança. Mas conduzidos pela mão da natureza, por uma suave ladeira e como que insensível, pouco a pouco, de degrau em degrau nos envolvemos nesse estado miserável a que nos acostumamos, assim como não sentimos nenhum abalo quando a juventude morre dentro de nós, o que, no fundo e na verdade, é morte mais dura que a morte completa de uma vida langüescente e que a morte de velhice. Tanto mais que o salto do mal existir para o não existir não é tão árduo como aquele de uma existência suave e florescente para uma existência penosa e dolorosa. O corpo encurvado e dobrado tem menos força para suportar um fardo, nossa alma também. É preciso treiná-la e educá-la contra o esforço desse adversário. Pois, como é impossível que encontre o

descanso enquanto o temer, caso se fortaleça pode se vangloriar (o que é coisa que ultrapassa a condição humana) de ser impossível que nela se aloje a inquietação, o tormento e o medo, e até a mínima insatisfação.

Non vultus instantis tyranni

Mente quatit solida, neque Auster

Dux inquieti turbidus Adriae,

Nec fulminantis magna Jouis manus. [57](#)

O rosto de um tirano que ameaça não abala a firmeza de sua alma, nem o austro que reina furioso sobre o Adriático agitado, nem a grande mão de Júpiter fulminando.

Tornou-se senhora de suas paixões e concupiscências; senhora da indigência, da vergonha, da pobreza e de todas as outras injúrias do destino. Ganhe essa vantagem quem puder: esta é a verdadeira e soberana liberdade que nos dá com que fazer figas à força e à injustiça, e zombar das prisões e dos grilhões,

in manicis, et

Compedibus, saevo te sub custode tenebo.

Ipse Deus simul atque volam, me solvet: opinor,

Hoc sentit, moriar mors ultima linea rerum est. [58](#)

montarei em torno de ti, entrevado, com os ferros nas mãos e nos pés, uma guarda severa. “É um Deus que me libertará assim que eu quiser.” Penso que ele quer dizer: “Morrerei”. A morte é o último limite das coisas. Nossa religião não teve fundamento humano mais seguro que o desprezo pela vida. Não só o argumento da razão nos convida a isso, pois por que temeríamos perder uma coisa que, perdida, não pode ser lamentada? Mas,

ademais, já que estamos ameaçados por tantas maneiras de morte, não é melhor enfrentar uma do que temê-las todas? Que importa quando será, já que é inevitável? Àquele que dizia a Sócrates: “Os trinta tiranos te condenaram à morte”, ele respondeu: “E a natureza a eles”. Que tolice nos atormentarmos no momento em que se dá a passagem à isenção de todo tormento! Assim como nosso nascimento nos trouxe o nascimento de todas as coisas, assim nossa morte trará a morte de todas as coisas. Por isso é igualmente loucura chorar porque daqui a cem anos não viveremos mais, assim como chorar porque não vivíamos há cem anos. A morte é a origem de outra vida: custou-nos entrar nesta aqui, e choramos; da mesma forma, ao entrarmos nos despojamos de nosso antigo véu. Nada pode ser importante se o é só uma vez. É razoável temer por tanto tempo coisa de tão curta duração? Viver uma vida longa e viver uma vida curta tornam-se iguais pela morte, pois não há curto e longo nas coisas que não existem mais. Diz Aristóteles que no rio Hípanis há pequenos animais que só vivem um dia. Aquele que morre às oito horas da manhã morre na mocidade; o que morre às cinco horas da tarde morre em sua decrepitude. Quem de nós não riria ao ver considerar-se ventura ou desventura esse momento de tão curta duração? O mais e o menos em nossa vida, se compararmos com a eternidade, ou ainda com a duração das montanhas, dos rios, das estrelas, das árvores, e até de certos animais, não são menos ridículos. Mas a natureza nos força a isso. [59](#) Saí, diz ela, deste mundo como nele entrastes. A mesma passagem que fizestes da morte à vida, sem paixão e sem temor, refazei-a da vida à morte. Vossa

morte é uma das peças da ordem do universo, é uma peça da vida do mundo,
inter se mortales mutua viuunt,

Et quae cursores vitae lampada tradunt. [60](#)

os mortais partilham a vida assim como os corredores se repassam sua tocha.

Mudarei por vós esta bela organização das coisas? É a condição de vossa criação; a morte é uma parte de vós: fugis de vós mesmos. A existência de que desfrutais é igualmente dividida entre a morte e a vida. O primeiro dia de vosso nascimento vos encaminha para morrer como para viver.

Prima, quae vitam dedit, hora, carpsit. [61](#)

A primeira hora que nos deu a vida tomou-a de nós.

Nascentes morimur, finisque ab origine pendet. [62](#)

Ao nascermos, morremos, e o fim decorre da origem.

Tudo o que viveis estais roubando da vida: e às expensas dela. A contínua obra de vossa vida é construir a morte. Estais na morte enquanto estais em vida, pois estais depois da morte quando não mais estais em vida. Ou, se assim o preferis, estais morto depois da vida, mas durante a vida estais morrendo, e a morte toca bem mais brutalmente o moribundo que o morto, e mais viva e mais essencialmente. Se da vida tirastes proveito, estais saciado; ide-vos satisfeito.

Cur non ut plenus vitae conviva recedis? [63](#)

Por que não te retiras da vida qual um conviva saciado?

Se não soubestes usá-la, se ela vos foi inútil, que vos importa tê-la perdido?

Para que ainda a quereis?

Cur amplius addere quaeris

Rursum quod pereat male, et ingratum occidat omne? [64](#)

Por que procuras lhe acrescentar um prazo que por sua vez se perderá miseravelmente e desaparecerá inteiro sem fruto?

A vida não é em si nem bem nem mal: nela o bem e o mal têm o lugar que lhes dais. E se vivestes um dia, vistes tudo: um dia é igual a todos os dias.

Não há outra luz nem outra noite. Esse Sol, essa Lua, essas Estrelas, essa disposição é esta mesma que vossos antepassados desfrutaram e que há de entreter vossos tataranetos.

Non alium videre patres: aliumve nepotes

Aspicient. [65](#)

Vossos pais não verão outras e vossos tataranetos não verão outras.

E, na pior hipótese, a distribuição e a variedade de todos os atos de minha comédia se completam em um ano. Se tivestes prestado atenção no movimento de minhas quatro estações, tereis visto que abrangem a infância, a adolescência, a idade madura e a velhice do mundo. Ele jogou seu jogo: não conhece outro ardil senão recomeçar; sempre será assim.

Versamur ibidem, atque insumus usque, [66](#)

Giramos no mesmo lugar onde estamos encarcerados,

Atque in se sua per uestigia volvitur annus. [67](#)

E o ano gira sobre si, repassando sobre seus próprios rastros.

Não pretendo forjar-vos outros novos passatempos.

Nam tibi praeterea quod machiner, inveniamque

Quod placeat, nihil et, eadem sunt omnia semper. 68

Pois não há nada que eu ainda possa fabricar e inventar que te agrade; são sempre as mesmas coisas.

Cedei lugar aos outros, como outros vos cederam. A igualdade é a primeira peça da equidade. Quem pode se queixar de ser incluído quando todos são incluídos? Assim, por mais que viverdes, não suprimireis nada do tempo durante o qual estareis morto: nada adianta; estareis naquele estado que temeis por tanto tempo como se tivésseis morrido ainda bebê:

Licet, quod vis, vivendo vincere secla,

Mors aeterna tamen, nibilominus illa manebit. 69

Por mais que vences os séculos vivendo o que queres, a morte é eterna e permanecerá como tal.

E ainda hei de vos pôr em tal situação que não tereis nenhum descontentamento.

In vera nescis nullum fore morte alium te,

Qui possit vivus tibi te lugere peremptum,

Stansque jacentem. 70

Não sabes que não haverá na verdadeira morte um outro tu mesmo que, vivo e em pé, te possa chorar morto e jacente?

Nem desejareis a vida que tanto lamentais.

Nec sibi enim quisquam tum se vitamque requirit,

Nec desiderium nostri nos afficit ullum. 71

E então ninguém reclama a vida para si, e nenhuma saudade de nós

mesmos nos toca.

A morte é menos temível que nada, se houvesse alguma coisa menos que nada,

multo mortem minus ad nos esse putandum,

Si minus esse potest quam quod nihil esse videmus. [72](#)

temos de pensar que a morte é bem menos ainda, se o que consideramos como nada pode ser ainda menos.

Ela não vos diz respeito nem morto nem vivo. Vivo, porque existis: morto, porque não mais existis. Ademais, ninguém morre antes de sua hora. O tempo que abandonais não era mais vosso que o tempo que se passou antes de vosso nascimento: e tampouco vos toca.

Respice enim quam nil ad nos ante acta vetustas

Temporis aeterni fuerit. [73](#)

Olhai na verdade o quanto não é nada para nós a duração eterna do tempo que houve antes de nós.

Onde quer que vossa vida acabe, ela está toda aí. A utilidade do viver não está na duração: está no uso que dele fizemos. Uma pessoa viveu muito tempo e pouco viveu. Atentai para isso enquanto estais aqui. Ter vivido bastante está em vossa vontade, não no número dos anos. Pensáveis nunca chegar ali aonde íeis incessantemente? Não há caminho que não tenha seu fim. E se a companhia pode consolar-vos, sabeis que o mundo vai na mesma marcha que vós.

Omnia te vita perfuncta sequentur. [74](#)

Todas as coisas te seguirão na morte.

Tudo não se mexe como vos mexeis? Há coisa que não envelheça convosco?

Mil homens, mil animais e mil outras criaturas morrem neste mesmo instante em que morreis.

Nam nox nulla diem, neque noctem aurora sequuta est,

Quae non audierit mistos vagitibus aegris

Ploratus mortis comites et funeris atri.[75](#)

Pois nenhuma noite sucedeu ao dia, nenhuma aurora à noite em que não se ouviram, misturadas aos tristes vagidos, as lágrimas acompanhando a morte e os negros funerais.

Para que recuais se não podeis retroceder? Vistes muitos que se deram bem em morrer, evitando com isso grandes infortúnios. Mas vistes alguém que se tenha dado mal? É grande tolice condenar coisa que não experimentastes em vós nem em outro. Por que vos queixais de mim e de vosso destino?

Causamos-vos mal? Cabe a vós governar-nos ou nós a vós? Ainda que vosso tempo não esteja concluído, vossa vida está. Um homem pequeno é um homem completo, assim como um grande. Nem os homens nem suas vidas se medem em varas. Quíron, informado das condições da imortalidade pelo próprio Deus do tempo e da duração, Saturno, seu pai, a recusou: com efeito, imaginai como uma vida perpétua seria menos suportável para o homem e mais sofrida do que é a vida que vos dei. Se não tivésseis a morte, me amaldiçoaríeis sem cessar por dela vos ter privado. Cientemente a ela mesclei um pouco de amargura para vos dissuadir de, ao verdes a comodidade de seu uso, adotá-la com demasiada avidez e sem discernimento; para alojar-vos

nessa moderação que vos peço, nem fugindo da vida nem recuando diante da morte, temperei uma e outra entre a doçura e a amargura. Ensinei a Tales, o primeiro de vossos sábios, que o viver e o morrer eram indiferentes: por isso, àquele que então lhe perguntou por que não morria, ele respondeu com muita sensatez: porque é indiferente. A água, a terra, o ar e o fogo, e outros elementos deste meu edifício, são tanto os instrumentos de vossa vida quanto os instrumentos de vossa morte. Por que temeis vosso último dia? Ele não conduz à vossa morte mais que cada um dos outros. O último passo não vos traz a lassidão: revela-a. Todos os dias levam à morte: o último a alcança. Eis as boas advertências de nossa mãe Natureza. Ora, muitas vezes pensei por que o rosto da morte, se o vemos seja em nós seja em outro, nos parece sem comparação menos assustador nas guerras do que em nossas casas, do contrário seria um exército de médicos e chorões; e por que, sendo ela sempre a mesma, há todavia muito mais resignação entre as pessoas das aldeias e de baixa condição do que entre as outras. Na verdade, creio que são esses semblantes e as cerimônias assustadoras de que nos cercamos que nos amedrontam, mais que ela: uma forma totalmente nova de viver; os gritos das mães, das mulheres e das crianças, a visita de pessoas emocionadas e transidas, a presença numerosa de criados pálidos e chorosos, um quarto sem luz, velas acesas, nossa cabeceira invadida por médicos e pregadores, em suma, todo o horror e o pavor em torno de nós. Eis-nos já sepultados e enterrados. As crianças têm medo até de seus amigos quando os veem mascarados; nós também. É preciso tirar a máscara tanto das coisas como

das pessoas. Quando for retirada, só encontraremos embaixo essa mesma morte pela qual um criado ou uma camareira passaram ultimamente sem medo. Feliz a morte que não deixa tempo para os aprestos de tal viagem.
